

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

FRANCIELE SCHIPINSKI RODRIGUES

**ENTRE LINHAS, NÓS E AGULHAS: A HISTÓRIA DAS TRABALHADORAS DA
INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO.**

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2013

FRANCIELE SCHIPINSKI RODRIGUES

**ENTRE LINHAS, NÓS E AGULHAS: A HISTÓRIA DAS TRABALHADORAS DA
INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel e licenciado no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. Dr. João Henrique Zanelatto.

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2013

FRANCIELE SCHIPINSKI RODRIGUES

**ENTRE LINHAS, NÓS E AGULHAS: A HISTÓRIA DAS TRABALHADORAS DA
INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel e licenciado no Curso de história da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em gênero e trabalho.

Criciúma, 06 de Dezembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. João Henrique Zanelatto - Doutor - (UNESC) - Orientador

Prof. Paulo Sergio Osório - Mestre - (UNESC)

Prof. Tiago da Silva Coelho - Mestre - (UNESC)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por estar sempre presente em minha vida; a meus pais e ao meu amor maior, meu filho Arthur Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

No decorrer deste trabalho, foram enfrentadas inúmeras dificuldades, mas Deus me ajudou a ter forças para seguir até aqui. Também pude contar com a ajuda de pessoas que foram de extrema importância para mim, como meus colegas de turma, que por quatro anos me apoiaram, auxiliaram-me nos trabalhos e vivenciaram tudo isso comigo; meu primeiro agradecimento dedico a eles.

Gostaria de agradecer também ao corpo docente da UNESC, que também esteve sempre disposto a me ajudar. Desse corpo docente, gostaria de fazer um agradecimento especial a duas pessoas:

Ao professor Paulo Sergio Osório, que me concedeu o estágio no centro de memória, propiciando-me estar em contato com os processos que hoje são meu principal objeto de estudo, além de sabias considerações e por me ajudar nos inúmeros problemas enfrentados ao longo de minha graduação.

E ao meu querido João Henrique Zanelatto pelas sabias orientações, pela ajuda na escolha de meu tema, por me entender, e por ser paciente comigo mesmo nos piores momentos.

Ao centro de Memória e Documentação da UNESC (CEDOC), por serem tão atenciosos e prestativos. As pessoas que me concederam entrevistas, e a casa de cultura, que possibilitou as pesquisas em jornais; aos funcionários de lá que sempre prontamente atendiam meus pedidos.

Também gostaria de agradecer aos meus amigos queridos que me ajudaram nos momentos de aflição. Meu muito obrigado a Débora Martins de Andrade, ao Jonas Goulart e ao Jonatan Tomaz.

Um agradecimento especial também a minha querida amiga, e companheira de quatro anos de faculdade Greice Kelly Kila, que foi muito importante por estar sempre comigo e fazer parte de minha vida.

Gostaria de agradecer também a uma pessoa muito especial em minha vida, meu namorado Euzébio Junior Gonçalves, por ser sempre tão atencioso.

Por último e mais importante quero agradecer a minha família, a meu filho por me inspirar todos os dias, a minha avó pelos conselhos e orientações e orações, ao meu pai por ter financiado meus quatro anos de faculdade e por sempre me apoiar em minhas decisões, ao meu irmão por me apoiar e me ajudar, e principalmente a minha Mãe que cuidou atenciosamente de meu filho como se fosse

seu, possibilitando-me a concretização de meus estudos e, além disso, por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava mais.

“Os que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história.”

Joan Scott

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre os diferentes aspectos acerca das trabalhadoras da indústria do vestuário, no município de Criciúma(SC) entre os anos de 1960 a 1990. Período em que se consolidou a economia da região carbonífera através dos novos polos comerciais, que eram a indústria têxtil, metalúrgica e cerâmica. As fontes analisadas tratam do cotidiano e das relações trabalhistas dessas mulheres, como jornais, atas, entrevistas e processos trabalhistas. O trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro trata do surgimento da indústria do vestuário em Criciúma e a criação de seu sindicato; o segundo discute as relações trabalhistas dentro e fora do ambiente fabril.

Palavras-chave: trabalhadoras do vestuário, sindicato, exploração do trabalho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: panfleto CUT	24
Figura 2: foto de greve geral 1986	37
Figura 3: jornal diário catarinense 1986	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: processos trabalhistas e as reivindicações	32
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: números de trabalhadores por setor nas décadas de 1960 a 2000.....	21
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDIP – Centro De Estudos Documentação e Informação Popular

CEDOC – Centro De Memória e Documentação da UNESCO

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

CTPS – Carteira de Trabalho Profissional

CUT – Central Única dos Trabalhadores

FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

PND – Plano Nacional de Desenvolvimento

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO E TRAJETÓRIA DO SINDICATO VESTUÁRISTA	15
2.1 O SINDICATO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES	22
3 AS TRABALHADORAS NO ESPAÇO FABRIL E FORA DELE: SUAS LUTAS E RESISTÊNCIAS	28
3.1 A SUBCONTRATAÇÃO: A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO FAMILIAR	28
3.2 OS PROCESSOS TRABALHISTAS: UMA RESISTÊNCIA CONTRA A EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO DA FÁBRICA	31
3.3 As greves das trabalhadoras retratadas na imprensa	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

No decorrer desta pesquisa buscaram-se informações sobre as trabalhadoras da indústria do vestuário de 1960 a 1990. Serão enfatizadas as relações de trabalho das mulheres da indústria do vestuário dentro da conjuntura da sociedade da época, em meio à ideologia do trabalho, em que a sociedade menosprezava o trabalho feminino.

Com o passar do tempo percebem seu valor, pois segundo Marx quatro forças de trabalho de uma família talvez custem pouco mais do que a força de trabalho do chefe da família, mas em compensação se obtêm quatro jornadas de trabalho em lugar de uma, o preço da força cai na proporção em que o trabalho excedente dos quatro ultrapassa o de um.¹

Inicialmente faz-se necessário compreender o conceito de gênero, pois esta pesquisa está centrada na história das mulheres da indústria do vestuário. Foi exclusivamente através de um intenso esforço que a história das mulheres ganhou espaço na historiografia.

A história das mulheres apareceu como um campo definível principalmente nas duas últimas décadas. Apesar das enormes diferenças nos recursos a ela alocados, em sua representação e em seu lugar no currículo, na posição a ela concedida pelas universidades e pelas associações disciplinares, parece não haver mais dúvida de que a história das mulheres é uma prática estabelecida em várias partes do mundo²

Foi somente com a nova história que as mulheres começaram a aparecer na historiografia, a nova história surge junto com a escola dos Annales, que mostrava que a história econômica, social e cultural, pode alcançar os mesmos padrões que a história política.³

Os historiadores modernos têm uma nova preocupação: a de contar a história dos que, até então, haviam sido excluídos.

Se antes as preocupações dos historiadores se restringiam ao estudo da macro política, as resistências miúdas e quase invisíveis do cotidiano

1 MARX, Karl. **O capital**. Trad. por Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001, 18ª edição, v.1, p.452.

2 SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p.63

3 BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p 16

passaram, com a Nova História, a ser objeto legítimo de pesquisa, e muitos personagens antes ocultos – porque não participavam diretamente dos aspectos da vida pública – passaram a ter suas vozes e gestos reconstituídos. Mulheres, prisioneiros, loucos, marginais e muitos outros “esquecidos” podiam enfim ter sua história contada.⁴

Tendo como objeto de estudo a história das mulheres trabalhadoras da indústria do vestuário, faz-se necessário apresentar algumas definições do conceito de gênero, referentes às ideias de Joan Scott⁵ e Michelle Perrot⁶. Por meio do estudo realizado percebe-se que para ambas as autoras a história das mulheres esta ligada ao poder.

Para Joan Scott a questão do gênero está diretamente ligada ao poder, sendo este o causador das diferenças entre os sexos.⁷

Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social, na medida em que estas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial às fontes materiais e simbólicas), o gênero torna-se envolvido na concepção e na construção do poder em si mesmo.⁸

Na obra *Os excluídos da História*, Michelle Perrot vai mostrar mais a mulher, por muito tempo, como excluída da história, porém não vai deixar de salientar a relação com o poder.

Da história, muitas vezes a mulher é excluída. [...] Os campos que abordam são os da ação e do poder do masculino, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala dos homens em geral, tão assexuado quanto a humanidade.⁹

Pelo exposto, pode-se considerar o gênero uma categoria que antes era excluída da história, mas que com o tempo foi ganhando cada vez mais espaço na historiografia. Sendo assim, faz-se importante uma reflexão, debate e pesquisa em

4 SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 76

5 Joan Scott é Professora de ciências sociais no instituto de Estudos avançados, em Princeton, Nova Jersey. É especialista na história do movimento operário no século XIX, e do feminismo na França.

6 Michelle Perrot doutora em História e docente em Paris VII, é autora de vários estudos sobre a classe trabalhista, e especializada nos estudos de gênero.

7 DELGADO, Andréa Ferreira. Por que pesquisar-ensinar história sob a perspectiva das relações de gênero? In: **História & Ensino** - Revista do laboratório de Ensino de História. Londrina: Ed. UEL, 1995.

8 SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre : Educação e Realidade, v. 16, 1990. p. 16.

9 PERROT, 1998 APUD DELGADO, Andréa Ferreira. Por que pesquisar – ensinar história sob a perspectiva das relações de gênero? In: **História & Ensino**:Revista do laboratório de Ensino de História.Londrina: Ed. UEL,1995. p.37.

torno da história das mulheres, para que possam surgir novos questionamentos e conhecimentos.

Conceituar gênero é caminhar por uma trilha que ainda está se construindo e tem muito a ver com política e teoria. Nesse sentido, o próprio conceito de gênero foi fruto tanto de discussões políticas quanto teóricas. Normalmente associado ao estudo das relações entre homens e mulheres pelas ciências humanas, ele ajudou a despertar o interesse da historiografia em compreender a multiplicidade de identidades femininas ao longo da história.

10

A análise historiográfica almeja identificar as conjecturas teóricas de todos os autores analisados, qual sua visão sobre a temática em questão, as considerações teóricas em que eles se baseiam para formular e apresentar suas conclusões em seus livros.

Para analisar a indústria do vestuário em Criciúma, umas das fontes usadas, foi o livro *A indústria do vestuário* de Goularti Filho e Jenoveva Neto. Ao escrever o livro: “A Indústria do vestuário: Economia, Estética e tecnologia.” (1997), Os autores propõem uma discussão acerca da realidade da classe trabalhadora da indústria do vestuário na cidade de Criciúma – SC, explicando a estruturação da economia cricumense, a identidade social desses trabalhadores, a importância da indústria do vestuário para a economia, as condições de trabalho, a relação patrão-empregado, as subcontractações, e ainda descreve a indústria do vestuário, como funciona e quais são os seus setores.

Esta pesquisa valeu-se de jornais locais e estaduais, e um jornal produzido pelo sindicato da indústria do vestuário chamado “O Carretel”, além de entrevistas com as trabalhadoras, atas, arquivos do CEDIP¹¹ e processos judiciais que são a principal fonte para abordar o não cumprimento das leis trabalhistas no setor do vestuário. O que motivou a trabalhar esta temática foi a realização de um estágio no centro de documentação da UNESCO, onde puderam ser acessados os mais diversos processos trabalhistas da indústria do vestuário e também de outros setores. Junte-se a isso o que foi aprendido durante a trajetória acadêmica da pesquisadora.

No primeiro capítulo, destaca-se como ocorreu o processo de criação e consolidação da indústria do vestuário, este está dividido em dois subtítulos: o

10 SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 166

11 Centro de Educação, Documentação e Informação Popular.

primeiro aborda esse processo e o seguinte trata do surgimento do sindicato do vestuário em Criciúma e, de que forma as mulheres participavam, ou não, desse sindicato.

O segundo capítulo está dividido em três partes, explicitando como era o ambiente de trabalho dessas mulheres, como foram as greves, e de que forma essas greves são mostradas nos jornais. Outra fonte utilizada foram os processos trabalhistas da época, que demonstram o cotidiano dessas mulheres, suas lutas e reivindicações.

2 CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO E TRAJETÓRIA DO SINDICATO VESTUÁRISTA

Durante muito tempo, a economia da região carbonífera baseava-se apenas na exploração do carvão. E foi através dessa exploração que a pequena colônia de Cresciúma, fundada em 1880 e transformada em município em 1925, ganhou, já em 1946, o status de “Capital Brasileira do Carvão”.¹²

Nesse período, era comum, os homens trabalharem nas minas e as mulheres cuidarem dos afazeres domésticos, mas em muitas famílias as mulheres trabalhavam como escolhedeiras de carvão, ou como lavadeiras (mulheres que lavavam roupa para fora, normalmente nas beiras dos rios).¹³

Nessa época havia um preconceito muito grande contra as mulheres que trabalhavam fora, pois os maridos achavam que uma mulher não poderia trabalhar fora e cuidar da casa, e se a esposa de um dos mineiros trabalhasse fora, seus colegas o chacoteavam. E também muitos mineiros, por ganharem um pouco melhor, queriam mostrar que tinham condições de sustentar sua casa sem a ajuda de suas mulheres.

Na esfera doméstica as mulheres, ao preencherem as funções de mães, de esposas e “donas” do lar com todas as tarefas afins em relação aos filhos, aos cuidados da casa, atendem simultaneamente ao modelo machista muito defendido entre os mineiros e salvaguardam a imagem do companheiro frente aos outros mineiros na esfera social e do trabalho. A permanência da mulher no lar é ponto de honra para os mineiros.¹⁴

Mesmo com esse preconceito ainda havia muitas mulheres que trabalhavam nas minas, elas eram chamadas de escolhedeiras de carvão. No livro *Os Subterrâneos da História*, é contada a história dessas mulheres que com seu trabalho ajudavam no sustento da casa.¹⁵ Essa foi a realidade da cidade até o final da década de 1940, quando a diversificação econômica começou a aparecer, como salienta Goularti Filho e Jenoveva Neto:

12 CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da História**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002, p. 96

13 Ibid., p. 118

14 VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas Marcadas**: trabalhadores do carvão. Tubarão: Editora Unisul, 2001, p. 103

15 CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da História**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002, p. 81

A diversificação da economia industrial local iniciou de forma incipiente no final da década de 1940 e durante a década de 1950 ainda era ofuscada pela indústria mineradora, mas a partir da década de 1960 e, principalmente, na década de 1970, novos setores industriais vão tomando conta da paisagem econômica regional. O bom resultado gerado pelas “novas” atividades fez com que tradicionais empresários do setor extrativista passassem a se dedicar também a um desses novos setores em amplo crescimento.^{16]}

As sucessivas crises que ocorriam no setor carbonífero, levaram alguns empresários a investir em outros campos. Naquele mesmo tempo, foram surgindo outros setores industriais, como: o cerâmico, o têxtil, o plástico e o químico. Mas devido às circunstâncias, os setores que mais impulsionaram a economia na época foram dois: o têxtil e o cerâmico.

Essas indústrias contribuíram, pouco a pouco, para a diversificação em Criciúma, pois não foi de uma hora para outra, que a cidade, que até então tinha a economia baseada na extração do carvão, passou a ter um polo industrial diversificado. As indústrias foram surgindo, novos empresários vieram para a cidade e investiram seu capital em novos negócios. Alguns donos de minas foram comprando espaços e transformando-os em pequenas empresas, e aos poucos expandindo seus negócios.

Uma das características marcantes de certos empresários da região é o dinamismo na diversificação e na conquista de novos mercados. Em muitos casos, quando um empresário de porte médio se consolida, em seguida procura diversificar, investindo em outros setores. Como a indústria de confecção do vestuário está em franca expansão, a diversificação passa por esse setor.”¹⁷

A indústria do vestuário principiou suas atividades em Criciúma na década de 1960, apresentando uma proeminência maior na década de 1980. No princípio com empresas de diferentes tamanhos: pequenas, médias e grandes; normalmente as fábricas tinham pelo menos dez funcionários, com exceção das confecções domésticas. Segundo Goularti Filho, “[...] a explicação do crescimento da produção nos anos de 1970 deve ser buscada no ‘milagre econômico’ e na expansão

16 MIRANDA, Antonio Luiz. **Trajetórias e Experiências do Movimento Operário Sindical de Criciúma – SC:** Da Ditadura Militar a Nova República (1964-1990). Tese (Doutorado em História). 2013. 79. Universidade Federal de Santa Catarina.

17 GOULARTI FILHO, Alcides; JENOVEVA NETO, Roseli. A indústria do vestuário: economia estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. P.53

promovida pelo II PND.”¹⁸ Ou seja, isso aconteceu, devido ao apoio dado em dinheiro, pelo governo para industrializar o país.

O objetivo do governo militar com o II PND¹⁹ era o de manter as taxas de crescimento elevadas, e proporcionar às indústrias uma grande modernização em termos de equipamentos, pelos empréstimos contraídos no mercado externo, garantindo assim um rápido desenvolvimento industrial, que traria um grande retorno financeiro. Se o país fosse desenvolvido, atrairia o olhar e os investimentos de grandes empresários externos. Mas essa modernização não surtiu o efeito desejado, gerando uma grande crise em diversos setores, apesar disso, foi naquele momento, que a indústria do vestuário mais se desenvolveu.

Em Santa Catarina, a região do Vale do Itajaí teve um grande crescimento das indústrias têxtil e do vestuário, mas que aos poucos foi crescendo e se ampliando por todo o estado, cada vez mais melhorando sua estrutura, adquirindo novas máquinas, caldeiras e tinturarias. Para Goularti Filho, “No Período de 1945 a 1962, o setor têxtil já estava consolidado em Santa Catarina, com grandes e médias empresas e uma produção nacionalizada.”²⁰

No que tange ao Sul Catarinense e em especial a Criciúma, as primeiras trabalhadoras da indústria do vestuário iniciaram suas atividades em casa, costurando as roupas da família; depois começaram a costurar para fora, para as vizinhas e amigas, e quando foram surgindo as primeiras fábricas, elas acabaram conseguindo empregos, como costureiras, bordadeiras, serviços gerais e de tecelãs.²¹

As primeiras confecções originaram-se de pequenos alfaiates que montaram suas próprias confecções. Os pioneiros foram a camisaria Aguiar, dos alfaiates José Aguiar e Esperandino Damiani, em atividade de 1949 até 1979; a De Lucca Confeccões, 1949; e a confecções Vidal, de Diomicio Vidal, fundada em 1960.²²

Muitas confecções que ficaram conhecidas, em nossa cidade começaram suas atividades, com o comércio, revendendo mercadorias vindas de São Paulo

18 GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade futura, 2002.P.283.

19 Plano nacional de desenvolvimento, criado durante a ditadura militar no Brasil.

20 GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade futura, 2002, p.153

21 CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da História**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002, p.15

22 GOULARTI FILHO, Alcides; JENOVEVA NETO, Roseli. A indústria do vestuário: economia estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p.106.

para as Mineradoras e vilas operárias. Com o surgimento das primeiras confecções começaram também a produzir, assim podiam vender com um preço mais acessível. Algumas das maiores confeccionistas da região, segundo Goularti Filho e Jenoveva Neto²³, foram:

- Rosatex, de Valdir Rosso e Adenir Zanette, que começou seu comércio em 1969, e em 1976 começou sua fabricação própria, fabricando e revendendo em sua loja;
- Casa Twist, de Osvaldo Guidi, que começou em 1964 com revenda de tecidos e equipamentos para as minas, e em 1978 com o aumento das vendas resolveu expandir seu negócio com a produção de suas próprias mercadorias;
- Crimalhas, de Cavaller e Cia, que iniciou com o atacado de “secos e molhados”²⁴ em 1964 e em 1966 começou a confeccionar roupas de malhas, revendendo para todo o sul do país.

A produção dessas indústrias foi sendo incorporada ao comércio local, trazendo uma diversificação para a região. Algumas adquiriram pavilhões desocupados, para iniciar suas atividades, como por exemplo:

- Cedro Rios, de Gaudino Cavaller, que era um atacado de “secos e molhados”, e em, 1972 comprou uma malharia desativada, passando a produzir suas próprias peças, com base no jeans.
- Confecções Mafferson, da família Milanez iniciou também com a venda de “secos e molhados” na década de 1960 e em 1971 montou uma malharia.
- Calças Calcutá, de Santo Longaretti, que iniciou vendendo tecidos que vinham de São Paulo, e depois passou a produzir roupas sociais, mantendo-se no mercado até os dias de hoje. Este, entre outros empresários, no início era apenas revendedor de tecidos para alfaiates.

²³ As informações sobre as primeiras indústrias do vestuário, de Criciúma, foram extraídas de: GOULARTI FILHO, Alcides; JENOVEVA NETO, Roseli. A indústria do vestuário: economia estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, ps. 104-110.

- Negge's Confecções, de Neri Guidi, que era sócio na Twist, mas em 1981 começou a produzir etiqueta própria.
- Di Angelis, de Álvaro Manique Barreto, que começou em 1964 com atacado de equipamentos para mina, em 1973 passou a vender tecidos e em 1984 iniciou produção própria.
- Além dessas confecções também tiveram outras bem grandes que se originaram, de pequenas confecções domiciliares como:
- A malharia Thayse, de Valdir Darós, em 1970, que começou com uma única máquina, mas com o aumento da produção, adquiriu um maquinário mais completo.
- A confecções Hertha Schmidt, que comprava malha e tinha apenas 3 costureiras de início.
- A confecções Replay que começou suas atividades na fabricação de bonés em 1979 e mais tarde passa1ndo para jeans e linha esportiva.

Algumas empresas foram originadas por pessoas que costuravam nas horas vagas, para complementar a renda familiar, tais como:

- Confecções Rosel, cuja proprietária iniciou suas atividades em 1977; ela era uma balconista e seu esposo representante de outra empresa. Mas devido ao aumento das encomendas que ela recebia, o esposo assumiu a comercialização e ambos deixaram seus empregos para se dedicarem às atividades da confecção, que deixou de ser apenas um complemento, para se tornar a renda bruta.

Muitas empresas falidas foram compradas por outros investidores, como:

- La Donna, que foi comprada em atividade em 1984; os novos proprietários eram do ramo de supermercados.

24 Expressão que designa o comércio como o dos supermercados que compõem-se de produtos de papelaria, armarinho e magazine (os secos); e de produtos líquidos, pastosos, agrícolas e orgânicos (os molhados).

Há casos em que a sociedade se desfez dando origem a novas confecções como:

- To Play do antigo sócio da Replay.

Também aconteceu de ex-funcionários montarem suas próprias confecções, como por exemplo:

- O Sr. Breno C. Silva, antigo funcionário da D.Vidal Modas, em 1982 montou sua própria facção.
- O proprietário da H. Dal-Pont Confecção, que era funcionário da Rosatex até 1985, e depois montou sua própria confecção.²⁵

Como já foi exposto, na década de 1970 o governo influenciou grandemente o desenvolvimento dos polos industriais; foram vários os programas governamentais de apoio a pequenas e grandes empresas.

Vários programas governamentais foram implantados permitindo a compra de máquinas e equipamentos, como a linha de financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (Bndes) financiamento de Máquinas e equipamentos (Finame) e o do Programa Especial de Apoio à Capitalização de Empresas (Procape), com fortes subsídios para a formação da capital. Da mesma forma, se beneficiaram das políticas de promoção à exportação por meio de incentivos fiscais e financeiros através do crédito do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e financiamento para exportação.²⁶

Esse apoio governamental fica em evidência, pois o número de funcionários em todos os setores da região vai aumentar, com exceção das mineradoras, que com a consciência ecológica e com as crises, vai perdendo seu destaque na economia criciumense, como se pode observar na tabela a seguir:

25 GOULARTI FILHO, Alcides; JENOVEVA NETO, Roseli. A indústria do vestuário: economia estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p. 110

26 CARVALHO JÚNIOR, Luiz Carlos de; CÁRIO, Sílvio Antonio Ferraz; SEABRA, Fernando FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (SC). **Pólos industriais do Sul do Brasil**: experiências de competitividade empreendedorismo. Florianópolis: [s.n.], 2007. 2v. P.169

Ano	Carvão	Cerâmica	Têxtil- vestuário	Metal- Mecânico
1960	3.931	212	39	20
1965	4.291	149	75	7
1970	3.488	829	331	188
1975	3.970	2.107	751	882
1980	4.399	3.314	2.009	1.584
1985	7.431	3.618	1.927	1.411
1990	3.238	5.046	1.779	924
1995	1.495	2.221	2.907	1.043
2000	1.154	2.233	3.682	1.173

Tabela 1²⁷: números de trabalhadores por setor nas décadas de 1960 a 2000.

Como exposto na tabela, é perceptível o crescimento da indústria no vestuário, pois uma empresa só aumenta o quadro de funcionários quando, está em ascensão, ou seja, quando suas atividades econômicas vão bem. Percebe-se também que os outros setores tiveram uma queda quanto ao número de funcionários indicando assim uma diminuição das atividades dentro da empresa, no caso das carboníferas ocasionadas pelas fortes e constantes crises que o setor sofria.

Os fatores que contribuíram para o surgimento da indústria do vestuário em 1960 foram muitos. Dentre eles, podem se destacar, os altos custos dos tecidos vindos de São Paulo, a necessidade da expansão das vendas dos pequenos comerciantes, e, além disso, em muitas casas o salário do pai ou do marido, não era suficiente para manter o sustento de suas famílias. Por conta disso, contrariando as convenções sociais da época, eles se obrigavam a permitir que suas mulheres e filhas ingressassem no mercado de trabalho.

Além das peculiaridades da origem da indústria de confecção do vestuário no sul catarinense, outro fator que contribuiu de forma categórica para o surgimento e fortalecimento do setor do vestuário, foi a existência de um grande excedente de mão-de-obra feminina, em função, sobretudo, dos setores carboníferos e metalúrgicos que empregam, diretamente na produção, apenas mão de obra masculina²⁸

27 Fonte: GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Cidade Futura. 2002.

28 GOULARTI FILHO, Alcides; JENOVEVA NETO, Roseli. A indústria do vestuário: economia estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p. 111

Apesar, de haver muito preconceito, dos mineiros contra as mulheres que trabalhavam fora, não se pode ignorar, ou simplesmente esquecer, que havia exceções, pois nas famílias mais pobres, não se via outra opção que não fosse permitir que as mulheres da família trabalhassem, para ajudar na complementação da renda familiar. Essas, como já foi citado anteriormente, são conhecidas como escolhedeiras de carvão. Sendo assim nas demais famílias, em que o homem tinha condições de manter o sustendo da casa, as mulheres apenas cuidavam dos afazeres domésticos. Em função dessas convenções, a maior parte das indústrias, privilegiavam a mão de obra masculina.

Era muito mais rentável contratar uma mulher, pois o salário das mulheres era bem menor do que o dos homens e elas faziam o mesmo tipo de trabalho de um homem em uma confecção. “Assim, as mulheres, menos conscientes de seus direitos como trabalhadoras, menos participantes e politizadas, aceitariam salários mais baixos e substituiriam os operários.”²⁹

Por fim, como exposto na Tabela 1, o setor do vestuário foi o que manteve um constante crescimento do numero de trabalhadores, ou seja trabalhadoras, pois este setor empregava em sua maioria mulheres. Se no início as mulheres trabalhavam para complemento de renda familiar e aceitavam salários mais baixos, já no final da década de 1970 esta situação foi se alterando. Em 1979 setor se organizou e criou seu Sindicato que passou a lutar e reivindicar melhores salários e condições de trabalho.

2.1 O SINDICATO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

O contexto de surgimento do setor do vestuário de Criciúma foi o período do golpe militar de 1964. Neste período os sindicatos foram fechados ou controlados pelo governo, que indicava os dirigentes sindicais. Assim, durante muitos anos, o povo viveu um período de repressão, sem voz, sem liberdade de expressão o que o silenciou, de forma que os movimentos sociais que aconteciam nessa época eram rapidamente reprimidos pela polícia militar.

29 SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991. p.147

No final da década de 1970, quando a indústria do vestuário começa a se consolidar, é o momento em que o Brasil, está saindo de um período político turbulento, de governo militar, onde o povo que por tanto tempo reprimiu seus desejos e ideais agora voltava às ruas, buscando melhorias para seu país. Todas essas mudanças contribuem para que, no início da década de 1980, venham se reestruturar e ressurgir, os sindicatos brasileiros. “Por volta do final dos anos de 1970, quando a abertura política se acelerou, as novas lideranças sindicais, dentro e fora da estrutura oficial, começaram a se articular”.³⁰

Em Criciúma isso vai mudar no final dos anos de 1970 com, o surgimento do novo sindicalismo e os movimentos sociais mais intensos. “Lideranças político-empresariais de Criciúma tomam algumas iniciativas no sentido de superar a crise e os conflitos sociais em busca de alternativas.”³¹

Percebe-se que em um contexto nacional, as lutas sindicais foram se fortalecendo e se expandindo. Todos os setores foram criando seus sindicatos, um a um, sendo eles presididos por patrões, ou não. O que vale ressaltar é que em Criciúma, não foi diferente. “Além de ‘cidade do carvão’, Criciúma é reconhecida nacionalmente como um dos principais centros de mobilização operaria e sindical de Santa Catarina.”³² Sendo reconhecida assim devido ao número de manifestações, e também a força que as mesmas tinham.

As greves, muitas vezes eram organizadas por mais de uma categoria, e isso fica bem visível no acervo áudio visual do CEDIP ³³ que mostra filmagens de greves organizadas por mineiros, que muitas vezes contavam com o apoio de vários outros setores, como o vestuário, os professores, os bancários, etc. E nessa época, era bem comum que os sindicatos articulassem entre si para que todos os setores entrassem em greve juntos, pressionando assim os patrões e tendo também um melhor resultado.

Não foram poucas às vezes em que as ruas, praças e bairros de Criciúma se transformaram em “campos de batalhas”, No final da década de 80, a “política de confronto” entre trabalhadores e empresariado/governo, passou a ser uma característica de outras categorias de trabalhadores, como dos vestuaristas, metalúrgicos, servidores públicos, bancários, professores, além dos mineiros.³⁴

30 ARMANDO BOITO JR. [et al.]. **O sindicalismo Brasileiro nos anos 80**. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1991.P. 15

31 TEIXEIRA, José Paulo. Os donos da cidade. Florianópolis: Insular, 1996.P.19

32 Ibid., p. 149

33 CEDIP- Centro de Estudos, Documentação e Informação Popular de Criciúma.

34 TEIXEIRA, José Paulo. Os donos da cidade. Florianópolis: Insular, 1996, p. 156

Na década de 1980 as greves, foram também o resultado dos baixos salários, impostos aos trabalhadores, do arrocho salarial, dentre outros fatores como a exploração do trabalho.

No seu conjunto, as greves dificilmente contém apenas um significado. No Brasil elas revelam um misto de demandas trabalhistas, descontentamento social ou político, explosão de demandas reprimidas durante os anos de autoritarismo e estratégia de consolidação de novas lideranças sindicais.³⁵

Nos anos 1980 também é criada a CUT (Central Única dos Trabalhadores) que se articulavam em conjunto com os sindicatos promovendo ações de conscientização dos trabalhadores, para que os mesmos ficassem inteirados dos seus direitos e deveres, isto em âmbito nacional. A CUT organizava reuniões de trabalhadores, para articulações sobre greves, paralisações, diretos deveres e muitas dessas reuniões também serviam para que os trabalhadores organizassem a formação de novos sindicatos. Uma dessas reuniões era chamada de ENCLAD (Encontro da Classe Trabalhadora) e acontecia muitas vezes em Florianópolis. É importante ressaltar que a CUT enviava panfletos aos sindicatos, para que estes repassassem aos trabalhadores, convocando-os ou convidando-os para a reunião. Os referidos panfletos também eram distribuídos nas saídas de empresas, para que todos os trabalhadores tivessem conhecimento da reunião. Vejamos um exemplo desses panfletos:

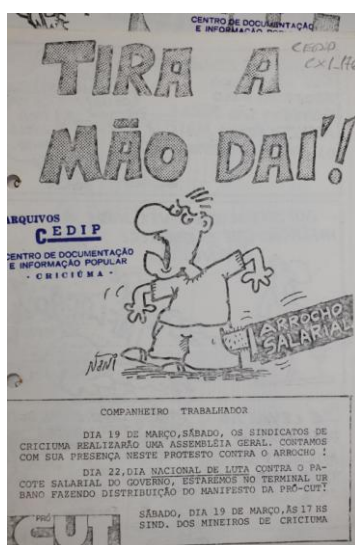


Figura 1: ³⁶

35 ARMANDO BOITO JR. [et al.]. **O sindicalismo Brasileiro nos anos 80**. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1991, p. 96

36 CEDOC, arquivo CEDIP, cx 1 doc – 176, panfleto CUT

Foi neste contexto de abertura política e de grande mobilização dos trabalhadores brasileiros, que o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Vestuário e dos Calçados iniciou suas atividades, em 1979, dando apoio aos trabalhadores em vários protestos e articulando greves com outros setores. Essas greves aconteciam principalmente porque as poucas leis trabalhistas vigentes não eram respeitadas, as condições de trabalho não eram tão favoráveis, o ambiente de trabalho era precário e havia muita exploração da parte dos patrões.

No que diz respeito às condições de trabalho no ambiente fabril, um fato comum, são as constantes denúncias feitas pelas trabalhadoras ao sindicato, denúncias que vão desde o não cumprimento de acordos salariais até assédio sexual por parte de encarregados ou a proibição do uso do banheiro fora do horário estipulado, as quais são publicadas no jornal do sindicato dos trabalhadores da indústria do vestuário “O carretel”.³⁷

Através da análise de processos judiciais, jornais locais e atas, dos relatórios do CEDIP, pode-se perceber que os trabalhadores tinham motivos para entrar em greve, tanto pelas condições de trabalho, quanto de condições salariais e o não cumprimento da legislação trabalhista, pois muitas mulheres trabalhavam nos fins de semana e também depois do horário e não recebiam o valor devido por este trabalho. Para Cardoso “No Brasil este é um problema muito sério, pois, como os trabalhadores empregados acabam tendo que fazer horas extras com muita frequência para aumentar seu rendimento.”³⁸

Em função dos baixos salários, muitas vezes o único jeito de garantir o sustento de toda a família era trabalhar por longos períodos, sem folgas nem sequer para almoço, tendo assim uma excessiva jornada de trabalho, principalmente as mulheres, pois além da jornada de trabalho no chão de fábrica, elas também tinham que cuidar dos afazeres domésticos e de seus filhos.

O sindicato tinha um papel muito importante na organização das lutas, manifestos e greves, e também de conscientização das mulheres quanto a seus direitos como trabalhadoras. Compunham a administração desse sindicato, homens e mulheres, e haviam eleições para escolher qual chapa deveria administrar o sindicato, além das campanhas que convenciam as trabalhadoras sobre quem votar.

37 GOULARTI FILHO, Alcides; JENOVEVA NETO, Roseli. **A indústria do vestuário: economia estética e tecnologia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p. 141

38 CARDOSO, José Álvaro de Lima. **Reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho**: um olhar sobre os setores têxtil e alimentício em Santa Catarina. Tubarão: Editora Studium, 2004. P. 106

Como observam vários pesquisadores, a própria qualificação é sexuada e reflete critérios diferentes para o trabalho realizado por homens e mulheres, ocorrendo frequentemente uma desqualificação do trabalho feminino, assimilado a dons naturais, desconsiderando-se o treinamento informal.³⁹

Devido a essa divisão sexual do trabalho, as mulheres acabam ocupando lugares que são inferiores ao dos homens, apesar de que, a mão de obra na indústria do vestuário era formada 90% por mulheres, eram os homens que ocupavam os cargos de chefia.

A ampla predominância numérica da mulher na indústria têxtil catarinense, no entanto, não se traduz em cargos de chefia no interior das empresas. Na verdade, elas ocupam, regra geral, as funções hierarquicamente menos importantes, chegando no máximo à condição de encarregada. Os chefes normalmente são homens, mesmo em setores onde praticamente todo o quadro é feminino.⁴⁰

No sindicato não vai ser diferente, mesmo que os filiados ao sindicato na época eram em sua grande maioria mulheres, quem ocupava os cargos de chefia eram os homens, os presidentes e vices na maioria das vezes eram homens.

O atual presidente, por exemplo, já foi presidente e vice presidente outras vezes, e nos arquivos do CEDIP encontram-se alguns materiais de campanha que mostram as chapas, quem participava, e havia, sim, muitas mulheres, mas neste arquivo não se percebe nenhuma mulher, sequer se candidatando ao cargo de Presidente do sindicato.

Percebe-se também que quando as mulheres se candidatavam a cargos como o de Vice-Presidente ou Presidente, rapidamente eram reprimidas.⁴¹ Este foi o caso de Olga que se candidatou a vice presidente da chapa dois e teve que renunciar por que a chapa um a acusou de ter dívidas com o sindicato. Isto ocorreu na segunda eleição do sindicato, em 1984, quando pela primeira vez haveria uma chapa concorrente.

De qualquer modo é importante salientar que o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e do Vestuário, era bastante ativo, e pode-se ver isto através da análise realizada nos arquivos do CEDIP, que tem vários exemplares do jornal O Carretel, que era organizado por aquele sindicato e tinha como objetivo

39 SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991. p. 149.

40 Ibid., p. 176

41 Panfletos de campanha eleitoral para diretoria do sindicato. CEDOC, arquivo CEDIP, cx 1

alertar os trabalhadores sobre as greves e reuniões trabalhistas, que aconteciam no momento, denunciar os maus tratos dos patrões contra os empregados, e falar de questões gerais, como o aumento da passagem de ônibus, novidades no setor têxtil e outros. A maioria dos setores tinha seu sindicato e seu jornal informativo, assim os trabalhadores de todos os setores ficavam informados.

Criciúma foi palco de muitas greves e as trabalhadoras da indústria do vestuário, estiveram presentes em muitas delas, muitas vezes entrando em conflito com os patrões arriscando seus empregos, e mesmo assim não desistindo de lutar por seus direitos.

3 AS TRABALHADORAS NO ESPAÇO FABRIL E FORA DELE: SUAS LUTAS E RESISTÊNCIAS

Os empresários do setor do vestuário criavam diversas estratégias para controlar e explorar suas trabalhadoras. Estas iam desde o não depósito do FGTS, horas extras, insalubridade, aviso prévio, demora no fichamento, demissões sem motivos etc. Além destas, outra estratégia dos empresários, para aumentar seus rendimentos e não ter as despesas com encargos sociais, foi a subcontratação. Assim, as trabalhadoras do setor do vestuário foram exploradas dentro das fabricas e também fora delas, ou seja, em seus próprios lares com a utilização da subcontratação. Mas frente a estas perversas condições de trabalho as mulheres resistiram e lutaram para ter seus direitos assegurados.

3.1 A SUBCONTRATAÇÃO: A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO FAMILIAR

A subcontratação era bastante frequente na indústria do vestuário, que precisava atender as demandas de pedidos e manter seus preços equiparados com os da concorrência; e também para fugir da burocracia da legislação trabalhista. Para contratar um funcionário, os donos da empresa terceirizavam a produção, contratando costureiras que trabalhavam em suas casas e ganhavam por peça produzida. Essas eram as que mais se sacrificavam, pois para garantir um salário digno, muitas vezes, a família toda trabalhava, e tinham que trabalhar muitas vezes até de madrugada, para conseguir dar conta dos pedidos e receber o suficiente para o sustento da família.

A facção domiciliar e industrial são muito comuns no Sul catarinense. A subcontratação sempre esteve presente na indústria da confecções, justamente por se tratar de uma indústria de intensiva mão de obra. Nas empresas filiadas ao sindicato das indústrias do vestuário de Criciúma, 41,9 % subcontratam trabalhadores a domicilio (facção domiciliar) e 55,8% subcontratam serviços de facção industrial.⁴²

Para Cardoso as Subcontratações buscavam reduzir os custos, assim não era preciso pagar certos impostos ao setor público, o mais prejudicado era o

42 GOULARTI FILHO, Alcides; JENOVEVA NETO, Roseli. A indústria do vestuário: economia estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p. 77

trabalhador que por não ter sua carteira assinada acabava perdendo seus contatos com o sindicato e perdendo também uma série de direitos trabalhistas.⁴³

Esse tipo de contratação ocorria com bastante frequência na indústria do vestuário. As empresas almejavam reduzir os custos contratando costureiras domiciliares. Muitas delas acabavam produzindo várias peças para poder ganhar um pouco mais. Elas tinham a esperança de um dia conseguirem montar a sua própria confecção e mudar de vida. Para tanto, compravam máquinas de costura financiadas. Marlene Schipinski explicita este processo:

Quando tinha que dar conta dos pedidos a gente trabalhava até a hora que for preciso, a gente ficava até tarde em cima das máquinas para conseguir um salário melhor, pra ajuda a família, as vezes chegava 11 horas estava com dor nas costas, mas fazer o que era preciso né, juntei dinheiro e comprei três máquinas e botei minhas meninas pra trabalhar comigo.⁴⁴

Na narrativa de Marlene fica evidenciado a exploração das mulheres que costuravam em casa, não havia direitos trabalhistas, grandes jornadas de trabalho, exploração do trabalho infantil, porque muitas dessas meninas, que trabalhavam com as mães e as avós, sequer tinham 16 anos, e já ajudavam nos trabalhos mais leves, como tirar fio e embalar roupas.

Quanto à exploração do trabalho infantil, até certo tempo, era permitido que adolescentes menores de 16 anos trabalhassem com carteira assinada. Esses eram mal remunerados, sofriam exploração dos patrões e quase sempre tinham que entregar tudo o que recebiam para seus pais, que contavam com o aqueles ganhos para complementar a renda familiar.

A exploração do trabalho nas fábricas não era diferente. A Vestuarista Frida se emociona com seu depoimento ao falar das condições de trabalho na empresa que trabalhava, empresa esta que pertencia aos seus parentes.

Eu comecei a trabalhar com 12 anos na empresa de meu tio, nada era muito fácil, eu estudava de manhã ia embora e almoçava rapidinho para não chegar atrasada 1 minutinho já era descontado, tudo era motivo para levar esporro⁴⁵, e como eu era sobrinha, não queria causar problemas na família ficava quieta e deixava ele brigar sempre comigo, os outro não eles brigava com ele também dizia que queria os direito mas eu não eu sempre ficava quieta, não participei nas greve ia trabalhar escondidinha, sabe as vezes da

43 CARDOSO, José Álvaro de Lima. **Reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho**: um olhar sobre os setores têxtil e alimentício em Santa Catarina. Tubarão: Editora Studium, 2004, p. 114

44 SCHIPINSKI, Marlene Vieira entrevista realizada no dia 15/11/2012 por Franciele Schipinski.

45 Expressão que significa ser chamado(a) a atenção com rispidez.

vergonha disso mas fazer o que né, se eu não trabalhasse direitinho ele contava pro meu pai.⁴⁶

Através da análise das entrevistas⁴⁷ pode-se perceber, que no âmbito familiar, o trabalho acabava se tornando um meio bem comum de exploração, pois as mulheres, como Frida se sentiam reprimidas por serem empregadas de seus familiares e assim ter que manter uma postura susceptível, mesmo em meio as críticas e humilhações que eram bem frequentes e quase sempre públicas.

Esses maus tratos não aconteciam apenas com familiares. As trabalhadoras precisavam manter seus empregos e, por isso, sujeitavam-se a humilhações e castigos, que muitas vezes não eram só psicológicos, mas físicos também. Foi o caso de Dilma, que certa vez, foi queimada por seu patrão porque estava conversando durante o expediente.

Um dia lá eu tava passando as roupas né, porque eu era passadeira e conversando com a Claudete, daí o encarregado chegou e encostou o ferro na minha mão disse que era pra mim prestar atenção porque lugar de conversar era em casa, aquele dia marcou minha vida eu fui pra casa e chorei, chorei e chorei mas no outro dia fui trabalhar de novo porque precisava do meu trabalho, se era nos dia de hoje a gente abria um processo né, mas naqueles tempo era difícil.⁴⁸

Silvio Junior Cabreira, conta que desde os 11 anos trabalhou em empresas do vestuário, primeiro porque tinha que ajudar nas despesas da casa e também porque queria aprender uma profissão. Ele conta que como ele havia várias meninas, que nessa idade já estavam dentro das fabricas, e que havia uma amiga sua, que começou a trabalhar no mesmo dia que ele e foi demitida, porque não pode trabalhar em um sábado, sabendo-se que sábado não contava como dia de trabalho e sim como dia extra.

Cara, quando eu lembro dela da uma dó porque ela era bem pobrezinha os pais tinham morrido só era ela e a avó daí ela foi fazer a primeira comunhão, e os cara demitiram ela, na segunda feira ela veio com a avó chorando mas não adiantou eles disseram, se não pode fazer hora não interessa para nós.⁴⁹

46 SOUZA, Frida, entrevista concedida a Franciele Schipisnki em 22-01-2013

47 Para saber mais sobre história oral ver THOMPSON, Paul; OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. **A voz do passado:** história oral. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1998.

48 VIEIRA, Maria Dilma, entrevista concedida a Franciele Schipisnki em 17-04-2013

49 CABREIRA, Silvio Júnior. entrevista concedida a Franciele Schipisnki em 19-04-2013

Devido a essas inúmeras humilhações, a ambientes de trabalho precários, a toda essa exploração, as trabalhadoras começaram a se revoltar. Muitas vezes essas revoltas ficavam reprimidas dentro delas, outras vezes elas tinham mais autoconfiança e saíam às ruas, para lutarem por seus direitos, ou até mesmo organizavam greves, que paravam toda a empresa. Havia casos de mulheres que foram ainda mais longe, abrindo processos judiciais contra seus patrões, pleiteando por seus direitos.⁵⁰

3.2 OS PROCESSOS TRABALHISTAS: UMA RESISTÊNCIA CONTRA A EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO DA FÁBRICA

As relações de trabalho, na indústria do vestuário se diferem das outras indústrias apenas em uns poucos aspectos. O primeiro deles é que a mão de obra utilizada era a feminina, por ter um custo menor e porque a grande maioria das mulheres naquela época era submissa, acatando quase tudo que os patrões exigiam. Historicamente, a grande presença feminina no vestuário tem uma forte relação com a atividade de costurar, pois essa atividade era desenvolvida por mulheres em seus lares, ou seja, elas já possuíam um saber, tinham um conhecimento que de modo geral era ensinado nas famílias, já que esta é reconhecida socialmente como uma atividade feminina. Assim, os próprios empresários buscam o trabalho feminino porque elas de modo geral possuem o conhecimento necessário para produzir os produtos nas confecções.

Para entender estas relações sociais desiguais entre os sexos, é fundamental compreender o patriarcalismo, que tem aportes tanto cultural como institucional, pois “o patriarcalismo que até então circunscrevia a atuação das mulheres apenas dentro da unidade familiar, abre mão dos seus mecanismos internos e os põe a disposição do capitalismo, que tira proveitos da condição de submissão da mulher em relação ao homem e reforça-a, tornando assim, as mulheres mais susceptíveis à exploração.”⁵¹

Com o tempo algumas mulheres começaram a se desprender das amarras e tirar a venda dos olhos, principalmente com o surgimento do sindicato da

50 Informações extraídas junto ao CEDOC, Centro de documentação da UNESCO, arquivo CEDIP

51 GOULARTI FILHO, Alcides; JENOVEVA NETO, Roseli. A indústria do vestuário: economia estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p. 137

categoria que incentivava os trabalhadores(as) a participarem das greves, para reivindicar melhores condições de trabalho e salário.

A chegada da junta de conciliação e julgamento em Criciúma no dia 27 de janeiro de 1960⁵², trouxe à essas mulheres certa segurança. Assim, elas ficaram mais confiantes de seus direitos e começaram a abrir processos contra seus patrões para fazer reivindicações. Antes da vinda da junta para Criciúma, os processos eram resolvidos na capital Florianópolis.

E também com a consolidação da indústria do vestuário na região, pois a década que mais registra processos trabalhistas⁵³ da indústria do vestuário é a década de 1980, década esta que marcou o crescimento da indústria Vestuársta em criciúma e também se fortaleceu o comércio, o que fazia com que os donos das fabricas, buscassem meios de suprir as demandas dos pedidos feitos pelos comerciantes, e muitas vezes esses meios eram a sub-contratação e a exploração das trabalhadoras.

Dessa forma pode-se, através dos processos trabalhistas, conhecer um pouco mais da realidade de dentro das fábricas e as lutas das mulheres por seus direitos. O gráfico abaixo mostra a porcentagem, sobre os 80 processos analisados de trabalhadoras que processaram as empresas em que trabalhavam e o que reivindicavam.

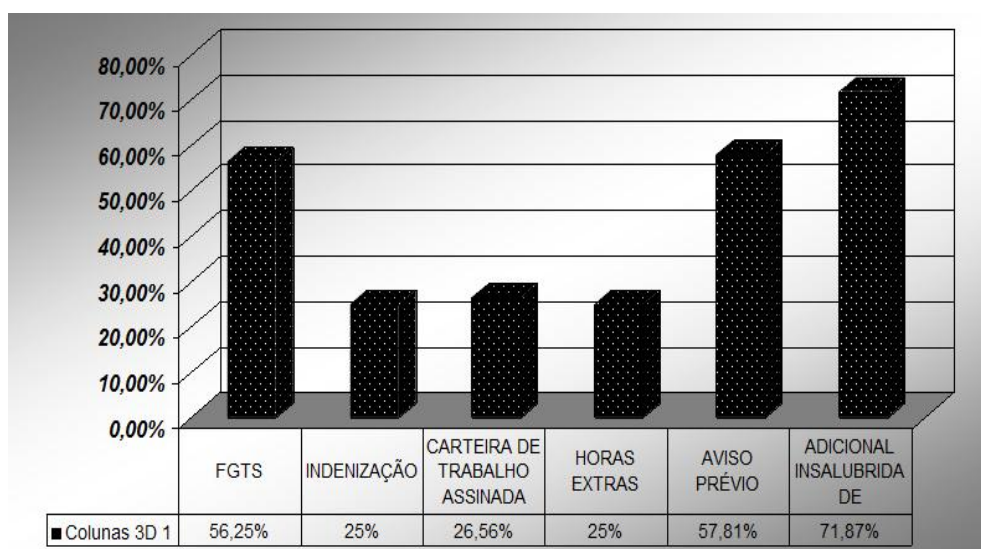


Gráfico 1: processos trabalhistas e as reivindicações. Fonte: gráfico elaborado pela autora.

52 Órgão judicante de primeira instância da Justiça do Trabalho; compõe-se de um juiz do trabalho, que é seu presidente, e de dois vogais, que são juízes classistas, representantes dos empregados e dos empregadores, tendo um suplente para cada vogal (CLT, arts. 647 a 653).

53 Para entender mais sobre processos trabalhistas na história ver CHALHOUB, Sidney. **Trabalho lar e botequim**: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Editora Brasiliense 1986.

Com a análise do gráfico acima podemos perceber, que grande parte dos processos trabalhistas, eram feitos pelas trabalhadoras que reivindicavam, o que entendiam por justo, nada mais do que a obrigação dos patrões, segundo a legislação, pois o que mais acontecia era a falta de anotação de carteira, falta de FGTS, demissões injustas e maus tratos.

Para Marx, quando a redução da jornada de trabalho se torna legalmente obrigatória, transforma-se a máquina nas mãos do patrão, em instrumento usado para extrair mais trabalho no mesmo espaço de tempo, e para ele isso se faz de duas maneiras: aumentando a velocidade da máquina, ou dando ao empregado mais trabalho do que de costume.

Através de Marx podemos perceber o nível de exploração da mão de obra, pois se foi definido por lei que o trabalhador tem que trabalhar “N” horas, estas terão que ser bem exploradas.

Mas, apesar da exploração, o grande medo das trabalhadoras era o de engravidar, porque, na maioria das vezes, eram demitidas quando engravidavam. A fala de uma trabalhadora de uma destas indústrias mostra o medo que sentiam:

A gente não podia engravidar não, eles sempre diziam que se engravidasse ia pra rua, eu tinha uma amiga que engravidou quando eles descobriram disseram que iam demitir porque ela estava molengando demais, coitada foi pra rua sem receber nem um tostão.⁵⁴

Vejamos também o caso de Vanilda Alvani Cardoso, que começou a trabalhar para a empresa em 15/04/1981, na função de chefe de costureiras, e foi demitida em 29/01/82, porque estava grávida. No processo, Vanilda também coloca em anexo uma cópia da convenção coletiva de trabalho, que mostrava alguns direitos trabalhistas para gestantes, como pode-se observar na seguinte cláusula: “Fica reconhecido o direito à estabilidade a gestante desde a data da apresentação do atestado médico que comprova a gestação até 60 (sessenta) dias após o término legal do afastamento.”⁵⁵

Vanilda foi contratada para trabalhar como Vestuária e permaneceu nessa função por um longo período, até que seus patrões descobriram que ela havia engravidado, e no mesmo momento lhe deram a carta de demissão. Ela foi demitida, segundo os patrões, por justa causa. A reclamante abre um processo, para pleitear

54 SCHIPINSKI, Marlene Vieira entrevista realizada no dia 15/11/2012 por Franciele Schipinski.

55 CEDOC, Centro de documentação da UNESC, arquivo justiça do trabalho, processo trabalhista nº246/82

sua reintegração na empresa, além de salários, férias, 13º salário, FGTS e anotação de carteira, pois nem mesmo sua carteira havia sido assinada, neste tempo.

No decorrer do processo Vanilda afirma, que no ato da demissão mostrou o resultado do exame de gravidez para seu patrão, mas este fez pouco caso e a demitiu mesmo assim. Demitir uma funcionaria grávida é ilegal, e esse patrão infringindo a lei, negou a Vanilda uma série de direitos trabalhistas. No último julgamento, ao findar o processo, Vanilda recebe todos os atrasados e volta a trabalhar na empresa.

Os patrões, de modo geral, tentavam de todo o jeito fugir da burocracia da legislação vigente na época, para isso muitas vezes usavam a sub-contratação como já foi visto anteriormente, porém é interessante destacar, que nos processos, isso não fica em evidência, e só se pode fazer essa análise pelo número de trabalhadoras que, ao perderem seus contratos de terceirização com a empresa, reivindicavam a anotação em suas carteiras de trabalho, para receberem o FGTS e outros direitos.

Esse é o caso de Herondina Medeiros Jacinto, que abriu processo contra a empresa Confecções Mãos de Ouro LTDA, para reivindicar a anotação de sua carteira de trabalho para que ela pudesse receber os benefícios legais, que só lhe seriam pagos se ela estivesse com a carteira assinada.⁵⁶

Como se pode perceber, já havia uma legislação, preocupada com o bem estar dos trabalhadores, porém muitos patrões privilegiavam o lucro, e assim fugiam da lei.

O grande medo das trabalhadoras era que se elas participassem das greves, seriam demitidas, como nos mostra o processo aberto por Maria Terezinha, contra a malharia Thayse. Nele consta que ela estava sendo demitida sem justa causa, por participar de uma greve que aconteceu em 1991, mesmo ano em que Maria Terezinha foi demitida.⁵⁷

E assim mais uma vez percebe-se uma intransigência pois segundo Martins: “Na história mundial da greve, verifica-se que foi considerada delito, principalmente no sistema corporativo, depois passou a liberdade, no estado liberal, e posteriormente a direito, nos regimes democráticos.”⁵⁸

56 CEDOC, Centro de documentação da UNESCO, arquivo justiça do trabalho, processo trabalhista, nº1.735/89

57 Ibid., nº541/88

58 MARTINS, Sergio Pinto. **Greve do servidor público**. São Paulo: Atla, 2001. P. 24.

Ou seja os patrões não poderiam ter demitido Maria Terezinha por ela ter participado da greve, pois este era um direito dela e de todas as outras trabalhadoras.

É importante também salientar o caso de Eliete Fraga da Silva que, mesmo tendo justificado sua falta com atestado médico, foi demitida com justa causa por estar doente:

Conforme consta no processo trabalhista a reclamante foi admitida em 02.05.1987 e demitida em 31.03.1989- sendo que o aviso-prévio foi dado em 02.03.1989, conforme consta na rescisão contratual, mas a reclamante prestou serviços para a reclamada até 03.04.1989, conforme se provará na instrução, desta maneira evitou o pagamento do salário-multa do aviso previsto no artigo 9º da lei 6.708(ocorrida despedida a menos de trinta dias da data base).⁵⁹

Maria Zeniir Schineider, abriu processo no dia 01/03/1988 contra a indústria de confecções Krás, para pleitear adicional insalubridade, FGTS, férias e salário família que era bem comum naquela época, eles recebiam um adicional por cada filho, por isso colocou em anexo a certidão de nascimento dos filhos.⁶⁰

Já Silvia Medeiros abriu um processo contra a indústria e comércio de confecções Rosatex para pleitear indenização e adicional de insalubridade. O local em que ela trabalhava era insalubre, porque tinha muito pó do corte dos tecidos e baixa luminosidade. Foi feita uma perícia na indústria e o juiz julga procedente a ação, dando a Silvia ganho de causa.⁶¹

O que se pode perceber também com a análise desses processos é que grande parte das trabalhadoras, que abriam processos saíam vencedoras, porém, muitos desses processos demoravam anos para se findar deixando assim as trabalhadoras, muitas vezes decepcionadas.

3.3 AS GREVES DAS TRABALHADORAS RETRATADAS NA IMPRENSA

“A História do movimento operário, que desfrutou de grande prestígio nos círculos acadêmicos brasileiros especialmente entre 1970 e 1990, encontrou na imprensa uma de suas fontes privilegiadas.”⁶²

59 CEDOC, Centro de documentação da UNESCO, arquivo justiça do trabalho, processo trabalhista, nº1.017/89

60 Ibid., nº256/88

61 Ibid., nº1.674/88

62 DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.119.

Muitas foram as mulheres que encheram as ruas de Criciúma nas manifestações, greves e piquetes⁶³ em busca de melhores condições de trabalho e salário. “Para Gubbels, a causa principal é a remuneração em seus diversos aspectos, os problemas humanos (intransigência patronal, despedidas injustificadas), a organização do trabalho e o exercício dos direitos sindicais”.⁶⁴

Todas essas reivindicações originaram, diversos acontecimentos dentro e fora das empresas, esses acontecimentos podem ser chamados de manifestações, protestos e paralizações, e para compreendê-los melhor faz-se necessária uma análise do conceito de greve.

A origem da palavra “greve” deriva do francês *grève*. É conhecida a circunstância que os trabalhadores se reuniam em Paris, na Praça da Municipalidade ou *Place de Grève*, que era um terreno baldio, no qual havia se acumulado uma grande quantidade de areia e pedregulho, que era o que dava lugar ao mencionado nome. Ali se efetuava a concentração dos trabalhadores; quando estes estavam disconformes com as condições de trabalho, se reuniam naquele lugar, isto é se colocavam em *grève*, em greve à espera de melhores ofertas.⁶⁵

Pode-se compreender a greve, como um meio que as trabalhadoras encontraram para expor sua insatisfação, de tentar chamar a atenção dos patrões para as más condições de trabalho, de tentar conseguir um salário mais digno, atualmente as greves já não são tão intensas quanto na década de 1980, por exemplo. Com o fim da ditadura militar, as trabalhadoras se sentiam mais confiantes para lutar por seus direitos. Esse foi o período com maior índice de greves na indústria do vestuário.

As participações dessas mulheres, nesses movimentos, ficam evidentes através da leitura e análise dos arquivos do CEDIP, que mostram relatórios das greves, da participação das mulheres nesses movimentos, e a força que o sindicato do vestuário tinha, principalmente por ser filiado a CUT.

Por conta desta filiação, este sindicato, tinha mais articulação com os outros sindicatos, podendo organizar greves mais intensas com o apoio de vários outros setores. Muitas greves aconteceram nesse setor, mas este capítulo concentra-se nas greves que começaram a acontecer junto com o surgimento do

63 Piquete é um termo muito comum entre classe trabalhadora e significa, não deixar que os trabalhadores, que não estão em greve entrem na empresa para trabalhar, fazendo com que assim greve ganhe mais força.

64 GUBBLES, 1962 APUD RUPRECHT, Alfredo. **Conflitos coletivos do trabalho**. Tradução: José Luiz Ferreira Prunes. São Paulo: LTr : Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 60.

sindicato do vestuário, ou melhor, que foram articuladas por este sindicato. Pois antes do surgimento do sindicato do setor, as greves eram articuladas pelos próprios trabalhadores dentro das empresas.



Figura 2: ⁶⁶ Greve Geral Nacional – av. Centenário, em frente ao antigo terminal de ônibus.

Como fica visível na imagem acima, com o surgimento do sindicato do vestuário, este entrava em contato com outros sindicatos, articulando assim greves gerais com o apoio da CUT.

A primeira greve organizada pelo sindicato do vestuário aconteceu em 1982, dois anos após a fundação do sindicato, e se estendeu por 8 dias, trazendo algumas conquistas as trabalhadoras, dentre elas o aumento de salário.

O sindicato estruturado, trazia certa confiança aos grevistas que usavam isso para manter a união dos trabalhadores, que confiantes que algum resultado aconteceria, ficariam mais tempo na greve. Os piquetes foram se acentuando e deixando as movimentações mais intensas, mesmo assim muitos patrões, tentavam buscar meios de fazer com que os que queriam trabalhar, conseguissem chegar ao seu local de trabalho, muitas vezes até contratando caminhões, com baú e levando as funcionárias dentro para que as grevistas não percebessem. Como nos mostra o

65 RUPRECHT, Alfredo. **Conflitos coletivos do trabalho**. Tradução: José Luiz Ferreira Prunes. São Paulo: LTr : Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 58

66 CEDOC, arquivo CEDIP, cx 2 doc -126, foto de greve geral 1986.

jornal Diário Catarinense, em entrevista do presidente do sindicato Izio Inácio, conhecido pela alcunha de Hulk:

Hulk afirmou que um caminhão com a carroceria fechada passou na casa dos trabalhadores recolhendo-os para ir ao trabalho, fato que ele considera como uma forma de pressionar os operários a comparecerem ao serviço. O sindicalista afirmou que quando o caminhão chegou em frente da fábrica duas mulheres estavam desmaiadas por causa da falta de ventilação no ambiente.⁶⁷

Essa atitude dos patrões deixou os sindicalistas revoltados, porque as condições de trabalho já eram precárias e os patrões ainda sujeitavam os funcionários a esse tipo de situação. Além deste fato a polícia agia de forma violenta para forçar os piqueteiros a se retirarem da frente das fábricas, o que gerava ainda mais conflitos, inclusive agressões entre patrões e funcionários e desta forma a categoria conquistou muitas de suas reivindicações, por sua luta e determinação para alcançar seus objetivos.

A Vestuária Dilma⁶⁸, conta que participava sempre das greves porque para ela era muito gratificante ver, os resultados positivos obtidos depois de cada greve. Já Marlene⁶⁹ conta que nunca participava, pois como ela era subcontratada se ela não trabalhasse o prejuízo era dela mesma.

Os jornais, principalmente no ano de 1986, mostram as greves gerais e do vestuário, todos os dias, acompanhando todo o seu desenvolvimento, e dando certo apoio a categoria. Dentre os jornais que falavam das greves com mais frequência podemos citar: Jornal Da Manhã, Jornal de Santa Catarina, Diário Catarinense e jornal O Estado. Essas greves da indústria do vestuário, começam a aparecer com mais intensidade nos jornais justamente no momento em que o sindicato do vestuário surge em Criciúma, e isso não é mera coincidência, isso aconteceu porque, foi o sindicato quem mais incentivou as greves e manifestações.

No arquivo do CEDIP, a grande maioria dos jornais encontrados falam da greve geral de 1986, que durou pelo menos 10 dias. Será tratada esta greve, mas no âmbito da indústria do vestuário, já que as trabalhadoras aparecem nos jornais que falam das greves.

67 CEDOC, CEDIP, cx1 doc - 178 Jornal diário catarinense 04-07-1991

68 Vieira, Maria Dilma. Entrevista concedida a Franciele Schipinski no dia 22-01-2013

69 SCHIPINSKI, Marlene Vieira entrevista realizada no dia 15/11/2012 por Franciele Schipinski.

No dia 13/06/86, o jornal Diário Catarinense publicou uma notícia falando da greve:

Cerca de 10 mil dos 20 mil trabalhadores no setor do vestuário decidiram ontem à noite em assembleia com a participação de 1 mil e 500, realizada no auditório São José, entrar em greve por tempo indeterminado, a partir da zero hora de hoje, reivindicando o reajuste salarial de 49,5%, 17% de produtividade, redução de jornada para 40 horas, escala móvel de salários, comissões de fábrica, vale transporte e estabilidade por um ano.⁷⁰

O jornal ainda salienta que naquele dia haveria piquetes para acentuar a greve, garantindo assim uma maior participação das trabalhadoras. É importante lembrar também que apesar de que a maioria dos trabalhadores da indústria do vestuário, na verdade eram trabalhadoras, nos jornais elas só aparecem quando é citado algum caso específico, do contrário eram tratadas como “trabalhadores”.

Era bastante comum nessas greves acontecerem muitos atos de violência, como evidencia o jornal O Estado, no dia 14/05/86, o texto é iniciado falando do primeiro dia de greve e como os piqueteiros, já começaram a greve sendo agredidos pelos vigias das empresas, nesta matéria é mostrada uma agressão a uma mulher durante a greve.

Pela manhã, segundo denunciou, a segunda secretaria, Margarida Darós recebeu um pescoção, quando participava do piquete em frente a fábrica de calças, Cedro Rio, do empresário, Silvio Cavaler, agredindo logo depois o repórter fotográfico, do “diário catarinense”, Sidnei Cruz.⁷¹

O jornalista provavelmente foi agredido porque deve ter registrado o momento da agressão contra a funcionária. Mas, essas agressões foram divulgadas pelo Jornal de SC, também no dia 15/05/1986. O próprio título já era convidativo, pois dizia: Socos, Pontapés e ameaças contra os grevistas.

O periódico segue destacando que empresa Polar Way, onde terça-feira um diretor avançou o carro sobre um menor. No dia 14, um funcionário atendendo ao pedido dos patrões, jogou seu carro contra Suzana Aparecida do Nascimento que no momento estava participando dos piquetes e foi ferida levemente nas duas pernas. O jornal também salientava que “Suzana hoje tem 23 anos, e trabalha, há cinco anos, em indústrias do vestuário recebendo o salário de Cz\$ 919,00”. E

70 CEDOC, Centro de documentação da UNESCO, arquivo justiça do trabalho, processo trabalhista, ano 1986.

71 CEDOC, CEDIP, cx1 doc - 145 Jornal o estado 1986

seguem falando que os advogados do sindicato já haviam registrado uma ocorrência na delegacia.

Segundo este mesmo jornal na empresa Crimalhas havia se organizado um piquete com trabalhadoras de várias empresas e o proprietário da Malharia Thayse, Valdir Darós, agrediu Salete Goulart, que o denunciou em ato publico.⁷²

O jornal diário Catarinense descreve as demissões feitas pelas empresas contra as trabalhadoras que participassem das greves.

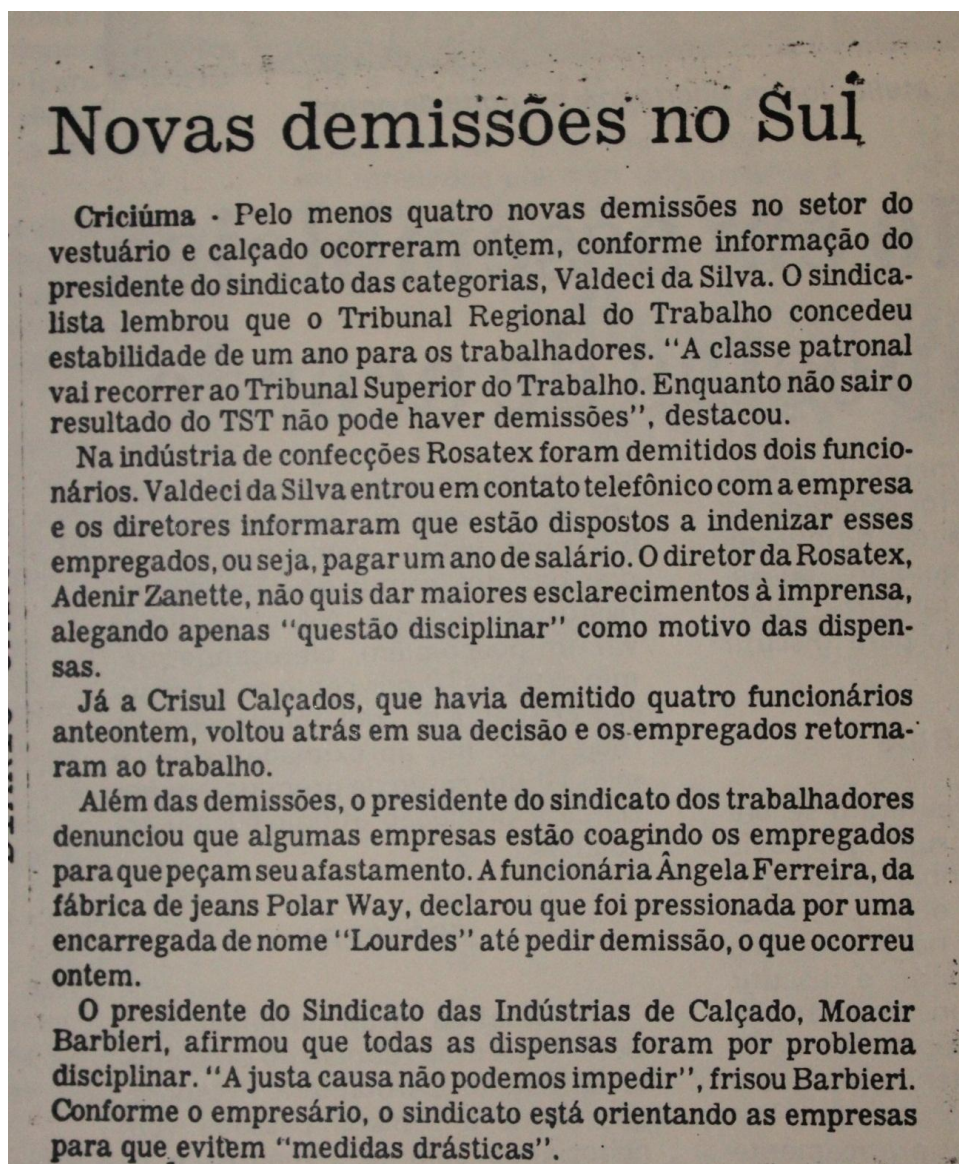


Figura 3: ⁷³ matéria do jornal Diário Catarinense do ano de 1986.

Muitos patrões ainda tentavam burlar a lei alegando que as trabalhadoras que foram demitidas por justa causa, haviam sofrido o processo de indisciplina.

72 CEDOC, CEDIP, cx1 doc - 144 Jornal de SC 15-05-1986

73 CEDOC, arquivo CEDIP, cx 1 doc - 128, jornal diário catarinense 1986.

Tentando assim não precisar readmiti-las, pois muitas delas eram inclusive articuladoras das greves em conjunto com o sindicato. Os patrões tinham medo que estando dentro das empresas elas pudessem articular novas greves ou paralizações.

Além disso, o sindicato do vestuário tinha seu próprio jornal, que era o que mais circulava entre as trabalhadoras dessa categoria trazendo informações sobre greves, diferenças salariais, planos e ações governamentais, e também denúncias contra maus tratos e insalubridade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia que estuda as indústrias do vestuário evidencia que esta vem dando uma grande contribuição para o crescimento de Criciúma e região. Mas são poucas as que tem preocupação em dar visibilidade para o trabalho das mulheres que compõe a maioria da mão-de-obra deste setor. Assim, todo esse crescimento não foi proporcionado apenas por empresários e políticos, houve outras pessoas que trabalharam muito para isso, foram as mulheres que se sujeitaram muitas vezes à humilhações para garantir seu pão de cada dia trabalhando arduamente, pois a vida nas indústrias do vestuário não era fácil. As mulheres trabalhavam em um ambiente insalubre, não tinham muito horários de descanso, seus salários eram baixos e eram muitas as explorações sofridas. Além disso, as relações de trabalho eram extremamente perversas provocando lutas e resistências das mulheres.

Assim, o trabalho buscou evidenciar as lutas destas mulheres no espaço fabril, evidenciou as várias formas de controle por parte da empresa e as resistências criadas para enfrentar a exploração na fábrica.

O trabalho inicialmente procurou mostrar o crescimento do setor, de que forma foram surgindo as primeiras confecções, como surgiu o sindicato do vestuário e de que forma ele agia para ajudar as trabalhadoras em suas greves e protestos.

Nos porões dos arquivos judiciais, é que são encontradas muitas das fontes históricas que até então se achavam perdidas. E no decorrer deste trabalho encontram-se muitas dessas fontes, como o cotidiano das mulheres do vestuário. Lutaram para melhorar seu ambiente de trabalho, que era precário, elas lutaram também para conquistar mais direitos trabalhistas, pois a grande maioria dos patrões não cumpria com suas obrigações legais.

Diante dessas colocações e observando as denúncias do jornal “O Carretel”, a realidade de algumas das indústrias de confecção do vestuário da região precisam passar além do “caráter nacional dos cálculos” para uma “cultura de qualidade” e desenvolver com seus recursos humanos um “pacto interno” em que a valorização do trabalhador é um passo inicial a pré-requisito para o prosseguimento de qualquer programa de qualidade.⁷⁴

74 GOULARTI FILHO, Alcides; JENOVEVA NETO, Roseli. A indústria do vestuário: economia estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p. 143

De qualquer modo é importante salientar que as mulheres, que participaram das manifestações e greves naquela época, foram as principais responsáveis pelas conquistas das trabalhadoras de hoje, porque se não fosse pelas lutas e reivindicações, hoje ainda poderiam essas mulheres estar sofrendo com as ilegalidades e maus tratos dos patrões, realidade esta que já mudou muito.

Ainda há muito o que ser pesquisado, na indústria do vestuário, pois no decorrer deste trabalho, encontram-se inúmeras fontes que ainda poderiam ser trabalhadas, como todo o acervo do CEDIP, que de forma geral nos leva a compreender a realidade da cidade de Criciúma na década de 1970.

Também, a realidade dessas mulheres, no que diz respeito ao sindicato e a história delas, seja dentro das fábricas, seja nas ruas fazendo reivindicações, seja em casa enfrentando a dupla jornada de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ARMANDO BOITO JR. ... [et al.]. **O sindicalismo Brasileiro nos anos 80**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CARDOSO, José Álvaro de Lima. **Reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho**. Tubarão: Editora Studium, 2004. p. 106.
- CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis :editora da UFSC, 2002.
- CARVALHO JÚNIOR, Luiz Carlos de; CÁRIO, Silvio Antonio Ferraz; SEABRA, Fernando; Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária (SC). **Pólos industriais do Sul do Brasil**: experiências de competitividade empreendedorismo. Florianópolis: [s.n.], 2007. 2v. P.169
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho lar e botequim**: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Editora Brasiliense 1986.
- DELGADO, Andréa Ferreira. Por que pesquisar-ensinar história sob a perspectiva das relações de gênero? In: **História & Ensino** - Revista do laboratório de Ensino de História. Londrina: Ed. UEL, 1995.
- DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.119.
- GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- GOULARTI FILHO, Alcides. JENOVEVA NETO, Roseli. **A indústria do vestuário**: Economia, Estética e Tecnologia. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1997.
- GUBBELS, 1962, APUD RUPRECHT, Alfredo. **Conflitos coletivos do trabalho**. Tradução: José Luiz Ferreira Prunes. São Paulo: LTr - Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- MARTINS, Sergio Pinto. **Greve do servidor público**. São Paulo: Atla, 2001. P. 24.
- MARX, Karl. **O capital**. Trad. por Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, 18ª edição, v.1.
- MIRANDA, Antonio Luiz. **Trajetórias e Experiências do Movimento Operário Sindical de Criciúma – SC**: Da Ditadura Militar a Nova República (1964-1990). 2013. 79. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2013).

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1988..

RUPRECHT, Alfredo. **Conflitos coletivos do trabalho.** Tradução: José Luiz Ferreira Prunes. São Paulo: LTr - Editora da Universidade de São Paulo,1979.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista,1992.

SCOTT, Joan. **Gênero:** Uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade, v.16, n.2, jul./dez. 1990.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos trabalho, dominação e resistência.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.P.147

THOMPSON, Paul; OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. **A voz do passado:** história oral. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas Marcadas:** trabalhadores do carvão. Tubarão: Editora Unisul,2001.

ENTREVISTADOS

SCHIPINSKI, Marlene Vieira entrevista realizada no dia 15/11/2012 por Franciele Schipinski.

SOUZA, Frida, entrevista concedida a Franciele Schipinski em 22-01-2013

VIEIRA, Maria Dilma. Entrevista concedida a Franciele Schipinski no dia 17-04-2013

CABREIRA,Silvio. entrevista concedida a Franciele Schipinski em 19-04-2013

DOCUMENTOS

Processos trabalhistas da Junta De Conciliação E Julgamento De Criciúma das décadas de 1960 a 1990.

CEDOC, Centro de documentação da UNESCO, arquivo justiça do trabalho,processo trabalhista nº246/82.

CEDOC, CEDIP, cx1 doc - 178 Jornal diário catarinense 04-07-1991.

CEDOC, CEDIP,cx1 doc - 145 Jornal o estado 1986.

CEDOC, CEDIP, cx1 doc - 144 Jornal de SC 15-05-1986.